

SONHOS DO PAPA FRANCISCO NA QUERIDA AMAZÔNIA: PROMOVER A DIGNIDADE DOS POBRES, PRESERVAR A BELEZA CULTURAL E GUARDAR A BELEZA NATURAL

Solange das Graças Martinez Saraceni¹

Resumo

Este trabalho pretende apresentar as reflexões do Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. O documento, em tom profético, denuncia as injustiças sociais, culturais e ambientais que afetam os povos originários e a “Mãe Terra”, ao mesmo tempo em que propõe novas possibilidades de ação. Nesse sentido, convoca a Igreja e a sociedade a assumirem práticas de solidariedade, respeito e cuidado com os povos amazônicos e com seu habitat. A Exortação ressalta a necessidade de que iniciativas eclesiais e sociais estejam orientadas pela defesa da dignidade humana, pela garantia dos direitos dos povos indígenas e pela valorização de suas culturas, bem como pela preservação da biodiversidade da região. Conclui-se que as contribuições de Francisco em Querida Amazônia mantêm plena atualidade e demandam maior conhecimento, debate e divulgação, ultrapassando o espaço acadêmico, dada a urgência das questões socioambientais contemporâneas.

Palavras-chave: Sonho – Amazônia – Casa Comum – Ecologia Integral – Papa Francisco.

Introdução

O artigo visa a apresentar três dos quatro sonhos de Papa Francisco expostos na Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (QA), publicada no dia 2 de fevereiro de 2020. O documento é dirigido a toda a sociedade e apresenta as reflexões e preocupações do Papa sobre a região, procurando orientar os fiéis na recepção harmoniosa e criativa do sínodo para a Amazônia.

O Papa convida à admiração pelo mistério sagrado da Amazônia e destaca a importância da inculturação da mensagem cristã, para que a Igreja adquira “rostos multiformes” que reflitam a riqueza da graça de Deus naquela cultura (QA 6).

A Exortação Apostólica está estruturada a partir de quatro grandes sonhos que a Amazônia inspira ao Papa Francisco:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos (QA 7).

Para atender ao escopo e ao limite de espaço deste artigo, a análise será restrita aos três primeiros sonhos da Exortação “Querida Amazônia” (social, cultural e ecológico). A discussão eclesiológica completa, incluindo o quarto sonho (o sonho eclesial), está desenvolvida

¹ Possui Graduação em Teologia pela PUC-PR, Campus Londrina, Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-PR – Campus Curitiba e Doutorado em Teologia pela PUC-Rio.



na tese de doutorado "A Ecclesiologia Sinodal e os Sínodos Universais da Igreja no Pontificado do Papa Francisco até o ano 2020", da mesma autora.

“Um sonho social”: promover a dignidade dos mais pobres

O Papa Francisco diz: “o nosso sonho é de uma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o ‘bem viver’” (QA 8). A consolidação do “bem viver” abrange as relações com Deus, consigo mesmo, com a natureza e com os outros seres, refletindo um compromisso com a ecologia integral. Toda ação ecológica deve considerar as pessoas, em especial os pobres, que com a mãe terra clamam por justiça (LS 49).

Francisco denuncia as injustiças e crimes provocados por interesses dos colonizadores e da indústria mineradora, responsáveis pelos movimentos migratórios dos indígenas, causando pobreza, xenofobia, exploração sexual e tráfico de pessoas. Faz ressoar a denúncia feita pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) na síntese para o Sínodo: “somos uma região de territórios roubados” (QA 12).

Denuncia que o sofrimento dos povos indígenas e do bioma são causados pela exploração física e ideológica, que compreende a Amazônia como um espaço a ser preenchido. Nesta perspectiva, seus moradores são vistos como intrusos. As explorações cometidas contra a Amazônia são injustas e criminosas, pois exploram e matam o bioma e as pessoas.

Francisco alerta contra o risco de que a globalização se torne um novo “colonialismo” (QA 14). Propõe que todos se indignem, peçam perdão e não deixem anestesiar a “consciência social”, visto que milhões de pessoas estão sendo ameaçadas na Amazônia (DAp 473). Evoca elementos históricos, ressaltando que a Amazônia é marcada pela violência, sofrimentos, violação dos direitos e morte. Desde sua origem, uma minoria lucra à custa da maioria.

Em contrapartida, propõe a globalização da solidariedade, expressa em gestos concretos, que gerem vida, com modelos alternativos e sustentáveis do ponto de vista ecológico. Recorda o importante papel da Igreja na luta e defesa dos povos indígenas através da ação dos missionários. Convida a Igreja a se manter fiel ao lado dos povos amazônicos e faz um pedido de perdão pelos que, negligenciando o pastoreio, se colocam ao lado do poder.

Lembra que os indígenas são memórias vivas, do cuidado que se deve ter com a Casa Comum (QA 19) e que estes possuem um “forte sentido comunitário” (QA 20). Para os indígenas, tudo é compartilhado em prol do bem comum, inclusive em sua relação com a natureza. Tais posturas contestam as ideologias individualistas e consumistas, presentes na atual sociedade. Entretanto, quando os indígenas são forçados a deixar seu hábitat, seus costumes e valores são ameaçados pela adesão dos “valores” e “costumes” da sociedade urbana consumista.

Relata que as instituições estão degradadas, pois, num sistema em que tudo está interligado, a pobreza social, fruto da corrupção, reflete a fragilidade das instituições, guardiãs do “bem viver”. Declara a importância do diálogo social com os nativos, pois todos os outros povos são como que convidados neste vasto território, portanto, no respeito, “devem encontrar

vias de encontro que enriqueçam a Amazônia” (QA 26) a partir da escuta daqueles que são os principais interlocutores e protagonistas. É preciso ouvir, escutar, apreciá-los como outro, para compreender “como imaginam eles o ‘bem viver’ para si e para seus descendentes” (QA 26).

O sonho social de Francisco coloca os povos nativos e a Amazônia no centro da atenção. Recorda à Igreja seu papel de caminhar com os povos originários, sendo um sinal de esperança através do acolhimento, da escuta e da promoção da dignidade humana integral. Uma Igreja em saída que, na escuta, é capaz de discernir e intuir que os novos caminhos para a evangelização na Amazônia passam pela dimensão social, pois o Reino de Deus é visibilizado na construção de uma sociedade justa, fraterna e harmônica, onde todos possam viver bem.

“Um sonho cultural”: preservar a beleza cultural

Ao abordar “Um sonho cultural”, Francisco relata que sonha com a promoção cultural da Amazônia a partir de si mesma. “O objetivo é promover a Amazônia; isso, porém, não implica colonizá-la culturalmente, mas sim contribuir de modo que ela própria revele o melhor de si” (QA 28). Neste sentido, declara-se que se deve ouvir e respeitar a identidade das culturas amazônicas, pois elas têm muito a revelar e a ensinar.

Recorda que há mais de 110 “Povos Indígenas em Isolamento”, muitos dos quais foram forçados a se afastar das margens para assegurar a sobrevivência e até mesmo a preservação da cultura. Enquanto outros povos migraram para as cidades, sobrevivendo na miséria, e com dificuldades para manter os valores culturais.

Na Amazônia, há uma diversidade de culturas e estilos que também decorrem da miscigenação. Ela revela a criação de Deus e a sabedoria própria de cada povo, requerendo, da parte dos que olham de fora, respeito e consideração pela história e cultura de cada povo.

Com o intuito de transmitir uma mensagem de esperança e encorajamento aos jovens, especialmente aos indígenas, o Papa convida-os a “cuidar das raízes”, pois, somente assim, poderão sobreviver. Relata que os que foram batizados contam também com a raiz da fé, desde os patriarcas até a Igreja e que “conhecê-las é uma fonte de alegria e, sobretudo, de esperança que inspira ações válidas e corajosas” (QA 33).

Salienta a importância da transmissão do conhecimento cultural através das narrativas e da escrita. Dá destaque ao papel dos anciãos na transmissão do conhecimento ancestral, da tradição, dos costumes, das “memórias pessoais, familiares e coletivas”. Acentua a importância da arte e da educação no resgate e na promoção da cultura indígena. Ressalta a importância da identidade e do diálogo cultural como geradores de vida, no respeito à identidade e cultura de cada povo.

Considera que a economia globalizada contribui para desintegração familiar e cultural. Evoca a necessidade de uma educação alternativa para os povos aborígenes, capaz de respeitar e promover suas línguas e culturas. Salienta que os projetos e programas devem valorizar os protagonistas locais e suas culturas. Nada pode ser imposto, mas planejado a partir da realidade

cultural de cada grupo. Entretanto, tratando-se da Amazônia, as culturas ancestrais revelam que a vida nasce e se desenvolve no ambiente natural. Ferir a mata é ferir a vida e a cultura dos povos indígenas e, conseqüentemente, é ameaçar a vida do planeta.

O próprio filho de Deus se encarnou. Ao assumir a cultura de seus pais, não foi alheio a ela, mas também não se ensurdeceu diante da novidade que pulsava das culturas que o cercavam (Mt 15,22-28). Abriu-se à defesa da vida e, assim, através de seu testemunho, ensinou a Igreja a fazer o mesmo (At 15). Deste modo, transparece a figura de uma Igreja inculturada, acolhedora e fiel à sua mística e missão, capaz de revelar e transmitir a fé que recebeu desde os primórdios. Uma Igreja que caminha com as culturas, como sinal de vida e de esperança.

“Um sonho ecológico”: guardar a beleza natural

Ao tratar de “Um sonho ecológico”, Francisco relata que, na cultura da Amazônia, a “vida diária é sempre cósmica” (QA 41), pois tudo está interligado e passa pela ecologia. Mas convém ajudar as pessoas a confiarem em um Deus que cria por amor, disponibiliza toda a criação e se dá a si. O testemunho do amor criador de Deus é a “primeira ecologia de que precisamos” (QA 41). Urge compreender que tudo está interligado (LS 16.91) e que é preciso cuidar da ecologia humana, social e ambiental, pois é possível ver a floresta não como um recurso a ser explorado, mas como seres vivos em relação. Abusar da floresta é abusar das criaturas e do Criador.

Francisco reconhece a importância dos povos originários no cuidado e na preservação da natureza. Ele faz um apelo a que cessem os maus-tratos e o extermínio da Mãe Terra, porque está sangrando devido às multinacionais cortarem as suas veias (QA 42). Declara que o sonho ecológico é feito de água. Dela brota toda forma de vida. Por onde passa a água, vivifica a vida. Os rios e os córregos lembram veias, por onde corre o sangue vital. As águas na Amazônia unem as culturas. Símbolo vital da força das águas e da sua unidade é o grande Rio Amazonas, que é considerado filho de tantos outros rios. Porém, a Amazônia grita por socorro: todas as espécies, a vida e o bioma estão ameaçados (QA 45). Denuncia a poluição das águas feita por ações humanas que visam ao lucro, à custa da exploração e da morte, e recorre para a necessidade de cuidar das águas.

O impacto das destruições da natureza é irreparável, além de interromper a cadeia científica medicinal, impedindo o surgimento de novas descobertas; haja vista que o “equilíbrio da terra depende também da saúde da Amazônia” (QA 47). Dela decorre harmonia climática e a preservação das espécies. Denuncia que “o interesse de algumas empresas poderosas não deveria ser colocado acima do bem da Amazônia e da humanidade inteira” (QA 48).

Declara que todas as espécies são importantes na “Casa Comum”. Cada qual, ao seu modo, colabora para o equilíbrio (LS 34), portanto, precisam ser preservadas. Apela para a urgência da criação de normas que assegurem a proteção dos ecossistemas (LS 53). Pede atenção ao grito da Amazônia, visto que ele se assemelha ao grito do povo de Israel (Ex 3,7), no Egito, pois também a Amazônia vive sobre o jugo da escravidão e clama por libertação (QA 52).

O Pontífice convida à “profecia da contemplação”, que consiste em olhar o mundo com realismo, deixando-se interpelar pela realidade para modificar os atos destrutivos em vista de assegurar o bem de toda a humanidade. Ao mesmo tempo, deve-se ter consciência de que já não é possível reparar todo o estrago feito e trazer de volta tantas espécies que já não existem devido aos atos humanos.

Se as criaturas louvam o Senhor (LS 33) e comunicam uma mensagem divina, a destruição delas é uma ofensa ao Criador. Porquanto, convida a aprender da sabedoria dos povos nativos que desenvolvem uma relação de intimidade e amor para com a Amazônia e não apenas fazem uso dela. Que se desperte “o sentido estético e contemplativo que Deus colocou em nós e que, às vezes, deixamos atrofiar” (QA 56), caso contrário, tudo pode ser objeto de uso e abuso (LS 215).

A contemplação leva à solidariedade com a natureza, desperta os ouvidos para ouvir o sussurro da selva e o seu clamor por justiça, e também seu eco de louvor ao Criador. A Amazônia, para os cristãos, é também um lugar teológico, “um espaço onde o próprio Deus se manifesta e chama seus filhos” (QA 57). Declara que a ecologia integral requer “educação e hábitos ecológicos”, ou seja, é preciso modificar comportamentos e atitudes consumistas, pois eles geram destruição e morte, além de assinalar um vazio interior.

Neste cenário, a Igreja, como “Mãe”, tem muito a contribuir. Ela tem a missão de caminhar com seus filhos, ensinando-os que, para a sua sobrevivência, eles precisam cuidar com carinho de toda a natureza e dela tirar seu sustento com respeito e gratidão. Ao mesmo tempo, indica que o ser humano somente será completo se viver uma relação harmônica com Deus, com a natureza, com o outro e consigo próprio. A harmonia se expressará também no cuidado e respeito com a “Casa Comum”. A Igreja é chamada a “caminhar com os povos da Amazônia” (QA 61) e juntos descobrir o sonho que Deus tem para eles e para toda a humanidade.

Reflexão conclusiva

Na perspectiva sinodal, a Igreja é compreendida como uma instituição que caminha em conjunto com o povo, promovendo comunhão, participação e transformação da realidade, em fidelidade à missão de Jesus de oferecer vida plena a todos (Jo 10,10). Enquanto povo de Deus, a Igreja é chamada a atuar em defesa da dignidade de todas as pessoas e no cuidado da “Casa Comum” (a natureza), reconhecendo que a vida humana depende do equilíbrio ecológico.

No exercício de sua missão, a Igreja pratica a inculturação, valorizando os elementos positivos presentes em cada cultura, sem impor modelos culturais, mas anunciando o Evangelho de forma respeitosa e dialogal. Nesse sentido, assume uma postura materna ao acolher, valorizar e proteger seus filhos na diversidade, ao mesmo tempo, em que combate forças opressoras e colonizadoras. Além disso, exerce um papel profético ao denunciar tudo aquilo que fere a Terra e suas criaturas – como a devastação da Amazônia e a violação dos direitos de seus povos – reafirmando que agredir a criação significa agredir o próprio Criador.

Os sonhos do Papa Francisco ressoam, portanto, como uma profecia que anuncia, denuncia e alimenta a esperança para além da região Pan-Amazônica, evidenciando que tudo está interligado nesta Casa Comum.

Questões para reflexão:

1. Analise os sonhos de Francisco, destacando em cada um deles um ou mais temas que possam ser considerados relevantes para o debate acadêmico. Apresente, em seguida, sua argumentação fundamentada.
2. Explique a importância de promover o debate em torno da Amazônia e dos povos originários, considerando suas dimensões sociais, culturais, ambientais e políticas.
3. Apresente, por fim, outra contribuição que considere significativa para o aprofundamento da temática em questão.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 9. impr. São Paulo: Paulus, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2. ed. Brasília, CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. São Paulo: Paulinas, 2020.

SARACENI, Solange das Graças Martinez. *A Ecclesiologia Sinodal e os Sinodos Universais da Igreja no Pontificado do Papa Francisco até o ano 2020*". Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=67441&idi=1&rc=1>>. Acesso em: 14 Set. 2025.